

HISTÓRIA E CULTURAS

Revista Eletrônica do Mestrado Acadêmico em História da UECE

HISTÓRIAS DE CONSCIÊNCIA E LUTA DE PESSOAS QUE VIVEM COM HIV/VIH NO NORDESTE BRASILEIRO

Roberto Kennedy Gomes Franco*

RESUMO

Historicamente, conforme fontes diversas (orais e escritas), a evolução epidemiológica da infecção pelo VIH/HIV, caracteriza-se por sua crescente incidência junto aos corpos da classe pobre e com baixos níveis de instrução. Diante deste cenário de pauperização do VIH/HIV, optamos por investigar dialeticamente a gênese da consciência política dos ativistas da RNP+ (Rede Nacional de Pessoas Vivendo com HIV/AIDS) e sua luta contra o VIH/HIV. Interpretamos tal fenômeno como de transição da *consciência em si* até a *consciência para si*, conceitos trabalhados, por Marx e Engels, ao analisarem historicamente o ato de produção da consciência nos seres humanos. Os pesquisadores, ao ocuparem-se da investigação sobre o corpo em adoecimento em culturas do passado e do presente aprenderam aspectos importantes da história da humana.

Palavras-chave: Aids/Sida; História; Adoecimento; Consciência; Brasil.

ABSTRACT

Historically, according to several sources (oral and written), the epidemiological evolution of HIV / AIDS, is characterized by its increasing incidence along the bodies of the poor class and low levels of education. Given this scenario impoverishment of HIV / AIDS, we chose to investigate dialectically the genesis of political consciousness of the RNP + activists (National Network of People Living with HIV / AIDS) and their fight against HIV / AIDS. We interpret this phenomenon as the transition of consciousness itself to consciousness for himself concepts developed by Marx and Engels, to historically analyze the act of production of consciousness in humans. The researchers, to occupy up research on the body into illness in the past and present cultures learned important aspects of the history of human.

Keywords: AIDS; History; Illness; Consciousness; Brazil

* Prof. Dr. Roberto Kennedy Gomes Franco. Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - Unilab. Graduado em História (UFC); Mestre em Ciências da Educação (UFPI); Doutor em Educação Brasileira (UFC). Coordenador do NIPEM - Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas e Estudos Marxistas. Temas de interesse: Crítica da Economia Política; História e Luta de Classes; Trabalho e Educação; Corpo, Saúde e Doenças; Memória e Resistência Indígena. Experiências Interdisciplinares de Ensino, Pesquisa e Extensão. Abordagem teórico-metodológica: Materialismo Histórico-Dialético. E-mail: robertokennedy@unilab.edu.br

1. Introdução

O texto aborda o processo histórico de formação da consciência e luta de ativistas engajados na luta política contra a SIDA/AIDS no Nordeste do Brasil. A análise desenvolve mediante as narrativas das ações políticas dos ativistas da RNP+ (Rede Nacional de Pessoas Vivendo com HIV/AIDS). A emergência deste movimento social anti-AIDS se faz na dialética das trajetórias do enfrentamento cotidiano de luta pela vida. Nestes termos, a experiência associativista da RNP+Brasil, mesmo limitada em suas reivindicações, é importante por constituir oposição aos interesses da lógica capitalista de mercantilização da saúde/vida, estrutura esta que, pela retirada da responsabilidade social do Estado na oferta de direitos humanos fundamentais como educação e saúde, vem de maneira dramática produzindo ainda mais precarização no sistema de saúde pública do Brasil e potencializando a vulnerabilidade social dos segmentos menos instruídos e com baixa renda.

Na terceira década de pandemia, o observado é uma maior disseminação do HIV entre os pobres. Corroborando com nossa análise, temos por exemplo os dados divulgados pelo último Boletim Epidemiológico de 2014, divulgado pelo Ministério da Saúde em 01/12/2014, ao observamos a Tabela 19 (Casos de aids (número e percentual) notificados no Sinan, segundo escolaridade por sexo e ano de diagnóstico, em síntese, evidencia-se que, oficialmente, cerca de 60% da população sorologicamente positiva para o HIV no Brasil, têm nível de escolaridade que não chega aos oito anos de letramento, ou seja, que não concluíram nem o ensino fundamental.

Tal evolução epidemiológica da infecção pelo HIV, caracterizada por crescente incidência da pandemia junto às camadas com baixos níveis de instrução, portanto a classe pobre, é chamada de PAUPERIZAÇÃO da SIDA/AIDS. “O adoecimento, nesse sentido, reproduz as contradições de classe da sociabilidade do Capital.”¹

¹ BOLTANSKI, Luc. *As Classes Sociais e o Corpo*. 3ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

Diante deste cenário de pauperização do VIH/HIV, optamos por investigar a “*história da humanidade contada pelos vírus*”², por acreditar que o VIH possibilita perceber o desenrolar das relações ligadas às histórias de vida e de morte das pessoas.

Os pesquisadores, ao ocuparem-se da investigação sobre o corpo em adoecimento em sociedades do passado e do presente aprenderam aspectos importantes da história da humana. Exemplo disso são as lembranças da pertinência histórica lepra (hanseníase), sífilis, peste bubônica (peste negra) e tuberculose, das doenças trazidas pelos colonizadores na América e na África, entre outras experiências de adoecimento como a SIDA/AIDS e o Ebola, que radicalmente educaram/transformaram as circunstâncias de saúde dos corpos das pessoas.

Para tanto, utilizamos como referência básica para a construção desta pesquisa a coleção “Uma História Brasileira das Doenças”³, onde consta um debate sobre história e adoecimento, com diversos artigos sobre a temática SIDA/AIDS, entre eles, a análise sobre a “pauperização e a interiorização do VIH/HIV no Brasil”⁴.

Em síntese, Nascimento nos ajuda entender este processo ao dizer que:

Desse modo, assim como a história, a doença, como fenômeno social, também é uma construção. Concorrem para a existência da doença diversos elementos científicos, sociais e políticos, temporal e especialmente estudados. Ditos de outro modo, diferentes grupos, a cada época dão significados e sentidos específicos à entidade fisiopatológica chamada doença. A história de doenças pode revelar uma enorme gama de questões, a “doença é ao mesmo tempo problema substantivo e instrumento analítico”. Dessa forma a doença, como objeto de estudo, possibilita o conhecimento sobre estruturas e mudanças sociais, dinâmicas e demográficas de deslocamentos populacional, reações societárias, constituição de estado e de identidades nacionais, emergências e distribuição de doenças, processo de construção de identidades individuais e constituição de campos de saber e disciplinas⁵.

² UJVARI, Stefan Cunha. **A história da humanidade contada pelos vírus, bactérias, parasitas e outros microrganismos**. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

³ NASCIMENTO, D. R. (Org.) ; CARVALHO, Diana Maul de (Org.) . **Uma história brasileira das doenças**. 01. ed. Brasília: Paralelo 15, 2004. v. 01. 338p; NASCIMENTO, D. R. (Org.) ; CARVALHO, Diana Maul de (Org.) ; MARQUES, Rita de Cássia (Org.) . **Uma história brasileira das doenças v.2**. 1. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2006. 277p ; NASCIMENTO, Dilene R. (Org.) ; CARVALHO, Diana Maul de (Org.) . **Uma história brasileira das doenças Vol 3**. 3. ed. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2010. v. 01. 374p .

⁴ FRANCO, Roberto Kennedy Gomes. **A Face Pobre da AIDS**. Tese(Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em educação Brasileira, Fortaleza(CE), 2010.

⁵ NASCIMENTO, Dilene Raimundo do. **As Pestes do Século: tuberculose e Aids no Brasil, uma história comparada**, Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005, p. 29.

De forma complementar, os estudos de Le Goff (1991, p. 7, 8), ao refletirem sobre o *“difícil caminho a percorrer face às doenças”*, ensinam que, *“território fortemente simbólico, a SIDA”*, pode ser caracterizada como *“uma história dramática que revela através dos tempos uma doença emblemática”*, isto porque consegue unir ao mesmo tempo *“o horror dos sintomas ao pavor de um sentimento de culpabilidade individual e colectiva”*.

A este respeito observa (2004, p.13) que, o *“pavor da doença, potencial e efetiva, as dores das queixas agudas e das moléstias de longo prazo, e ainda o pavor da mortalidade figuram entre nossas experiências mais universais e assustadoras”*⁶

Nesse sentido, elegemos para esta pesquisa o ponto de vista dos sujeitos comuns, investigamos então os relatos a partir das relações culturais que se desenvolvem no *“fazer-se”* de suas *“experiências humanas”*⁷, renovando assim, a noção de escrita da história mais voltada para a maneira pela qual homens e mulheres, produzem materialmente sua existência.

Trata-se de olhar a memória-histórica sob outro ponto de vista, de enxergá-la em seus subterrâneos, pois, *“ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à “Memória oficial”, no caso a memória nacional.”*⁸

Empenhamo-nos, então, em denunciar aqui, as precárias condições de vida da classe pobre quando é acometida por algum vírus, como o VIH/HIV por exemplo. Tentamos então fazer diferente e apresentar problemas reais fruto do embate entre os seres humanos e a natureza, suas maneiras de ser e estar no mundo, e não apenas uma história que viria a constatar alguns fatos estatísticos, reforçando o caráter tradicionalista e hegemônico da história oficial.

⁶ PORTER, Roy. **Das tripas coração**. Uma breve história da medicina. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 2004. p. 13.

⁷ THOMPSON, Edward P. **A Formação da Classe Operária Inglesa**, “A árvore da liberdade”, vol. I, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

⁸ POLLAK, Michael. **Os homossexuais e a Aids**: sociologia de uma epidemia. São Paulo: Estação Liberdade, 1990, p. 04.

2. Consciência e luta de pessoas que vivem Com VIH/HIV no Nordeste Brasileiro

Especificamente, objetivamos analisar as trajetórias de engajamento político anti-HIV/AIDS e, ainda, os limites e possibilidades das ações formativas de luta consciente deflagrada pelos ativistas da RNP+ Nordeste, Rede Nacional de Pessoas Vivendo com o Vírus do HIV/AIDS. Esta consciência política dos modos de ser e estar sorologicamente positivo para o HIV, em nossas hipóteses, germinou-se por meio dos antagonismos sociais de adoecimento de uma pandemia de efeitos transnacionais para a humanidade. Para tanto, passamos a investigar, na perspectiva do materialismo histórico-dialético, o impacto social que a emergência do HIV/AIDS vem causando no território nordestino no contexto de virada do século XX para o XXI. Assim sendo, problematizamos o modo como as trajetórias dos diversos sujeitos ali presentes (re)agiram à emergência social do HIV/AIDS, e como esta simbolicamente se manifesta, entre outros elementos, com o advento de um engajamento político de ativista⁹ anti-HIV/AIDS. Este momento de virada de século, por conseguinte, é um marco para a pauperização da pandemia de AIDS no mundo e no Brasil, em termos nunca vistos.

Diluído ao fenômeno da urbanização dos grandes centros industriais e esvaziamento do meio rural, o vírus da imunodeficiência adquirida HIV rapidamente prolifera da África para todos os cantos do mundo. A disseminação do vírus, portanto, tem relação direta com o descompasso de crescimento populacional urbano e suas contradições sociais.

Desta forma, de acordo com Parker (1997) pode-se estabelecer uma interlocução das circunstâncias históricas do Brasil na chamada República Nova com a emergência da AIDS/HIV no Brasil.

Historicamente, as dimensões sociais do HIV têm relação direta com a lógica desigual e combinada do capitalismo contemporâneo. É na esfera da mercantilização da vida e das míseras condições de sobrevivência produzidas pela economia política de Estado Mínimo, privatizações de serviços sociais básicos como saúde e educação e desemprego estrutural, que

⁹ Segundo Abbagnano (2000), “O termo em questão indica a atitude que assume como princípio a subordinação de todos os valores, inclusive a verdade, as exigências da ação, isto é, ao êxito ou ao sucesso da ação (quase sempre, a ação política)”.

hoje o HIV deixou de ser um vírus local, situado em uma isolada região da África, para rapidamente infectar aproximadamente 30 milhões de seres humanos, conforme dados oficiais.

Percebe-se emergir deste contexto um ativismo/militância consciente e de luta política contra a AIDS e não mais de passividade ante a sorologia positiva para o HIV no Brasil e no Mundo.

Historicamente a RNP+ Brasil¹⁰ (Rede Nacional de Pessoas Vivendo com HIV/AIDS) surgiu em 1995, tendo como modelo a GNP+ (Global Network People Living with HIV/AIDS), fruto da articulação de dez portadores, que se reuniram em paralelo ao V Encontro Nacional de Pessoas Vivendo e Convivendo com HIV e AIDS, "Vivendo", encontro anual organizado pelo Grupo Pela Vidda do Rio de Janeiro e Niterói.

Destacamos ainda o fato de que tal luta relaciona-se diretamente com os registros historiográficos dos primeiros casos de HIV/AIDS em 1982. Observa-se também neste momento a insurgência das primeiras ações comunitárias de combate e prevenção contra o HIV/AIDS. De acordo com Terto Jr. (1995, p. 32), *um dos primeiros trabalhos comunitários que se tem registro no Brasil foi realizado pelo grupo gay Outra Coisa, em 1983 já distribuía folhetos com informações sobre a doença e as formas de prevenção.*

No período da década de 1980, Parker e Galvão (1997, 2000) mencionam, além do grupo Outra Coisa, o Grupo SOMOS e ainda o Grupo Gay da Bahia (GGH), como responsáveis por estas primeiras iniciativas de respostas organizacionais de base comunitária. Foi, entretanto, em 1985 que estas respostas comunitárias ganharam proporções nacionais. Isso ocorreu em parte pela crescente divulgação do número de pessoas infectadas e em parte pela iniciativa mais consolidada de organizações de base comunitária de três entidades, a ressaltar em ordem cronológica, o Grupo de Apoio à Prevenção à AIDS (GAPA/SP). Datada de 1985, o GAPA é a primeira organização não governamental articulada com a luta contra os antagonismos decorrentes da sorologia positiva para o HIV no Brasil, em 1986 no Rio de Janeiro. Tem-se emergência da Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS (ABIA), tendo como presidente o ex-exilado político Herbert de Sousa (Betinho). É a primeira experiência associativista criada por pessoas vivendo com HIV/AIDS, e, ainda, em 1989, proveniente do

¹⁰ Fonte: www.mpvha.org.br/ (acesso: 18/04/09).

Rio de Janeiro, o grupo Pela VIDDA (Valorização, Integração e Dignidade do Doente e AIDS), tendo com referência o militante da luta armada contra a ditadura Herbet Daniel, que, ao se descobrir com HIV, tornou-se um ativista emblemático na luta contra a AIDS. Todas estas formas de associativismo tem sua *práxis* voltada ao combate da epidemia (prevenção, disseminação, preconceito e descaso de políticas públicas de governo).

É interessante ainda mencionar as respostas religiosas ante à epidemia de HIV/AIDS, especificamente a ARCA (APOIO RELIGIOSO CONTRA A AIDS), fundado em 1987 um projeto vinculado ao Instituto de Estudos da Religião (ISER), que contribuiu no debate das várias religiões.

Fica perceptível o pioneirismo histórico exercido por estas entidades, especialmente o papel político desempenhado na insurgência para o cenário brasileiro das primeiras pressões sociais em relação ao descaso do Poder público em relação à oferta de saúde. A criação de um Programa Nacional de Combate à AIDS, datado de 1986, hoje Departamento, é fruto da militância/ativismo do pioneirismo associativista da chamada sociedade civil, que, ao se organizarem politicamente, passaram a questionar a situação política do País mediante a crítica social às condições de adoecimento e saúde de pessoas com sorologia positiva para o HIV.

Tal movimento, para Jane Galvão (1994, p.343), tem relação direta

Com as mais diversas respostas de pessoas, entidades, grupos e organizações da sociedade civil, que se mobilizaram em defesa dos direitos das pessoas afetadas pelo HIV/AIDS. [...] Essa mobilização, gerada por diferentes atores sociais, reavivou conceitos e expressões que se julgavam perdidas entre as décadas de 60, 70: militante/militância; ativista/ativismo. [...] tais trajetórias individuais podem fornecer pistas para reflexões acerca do variado ativismo das ONGs/AIDS brasileiras, assim como também do papel que as ONGs têm frente aos desafios que a AIDS coloca.

Articulado a este quadro, é preciso considerar as problemáticas do adoecimento como construções ligadas à história das lutas e resistências sociais. A título de exemplo tem-se o MOHAN (hanseníase), portadores de necessidades físicas e psíquicas diversas, mal de Alzheimer, lúpus, esclerose múltipla, doenças de Chagas, ligas de câncer, entre outras

experiências de adoecimento que forjaram o engajamento político e de luta por melhores condições materiais de saúde e de vida, especialmente para os segmentos mais vulneráveis e explorados de nossa sociedade.

Vale pontuar o fato de que estas experiências de associativismo em decorrência do adoecimento, entre elas a experiência associativista da RNP+ Brasil (Rede Nacional de Pessoas Vivendo com HIV/AIDS), representam considerável “avanço” para as classes não hegemônicas, isso porque, indiscutivelmente, as associações concretizam uma forma de resistência à subsunção de setores excluídos.

Para Pollak (1990, p.190, 197),

As associações são garantias mais certas de uma atitude ciosa das liberdades porque agem mais claramente em nome e no interesse das pessoas contaminadas. Com sua tripla função – apoio à pesquisa, prevenção e a ajuda aos doentes – as associações são chamadas a um grande crescimento e a uma extensão de suas atividades. Melhores exatamente do que os poderes públicos para conceber campanhas de informação e de sensibilização dirigidas a grupos específicos são um parceiro indispensável das autoridades de saúde. Fortalecidas pela legitimidade adquirida e pela confiança de que gozam junto ao grande público, as associações, sem serem ainda atores inevitáveis, já não podem ser desprezados num debate sobre a gestão da doença.

Pautadas por esta linha de raciocínio, as respostas políticas de enfrentamento à pandemia de AIDS, de maneira específica, a experiência associativista da RNP+ Nordeste, constitui-se como um bom exemplo desses *novos agentes sociais*. Articuladas às reflexões há pouco apontadas por Pollak, as experiências de engajamento do ativista pernambucano Jair Brandão afirmam que

O meu engajamento com o ativismo de luta contra o HIV/AIDS se deu em 1999, a partir do momento em que procurei ajuda numa associação e vi a importância de está participando, está entrando no movimento para poder buscar melhor qualidade de vida, melhores políticas de saúde. Para atingir esse objetivo tenho que estar também presente no cotidiano da luta! Foi justamente no momento que procurei uma associação e tive apoio com informações do aprender a viver com HIV que formei minha consciência. Profissionalmente minha vida hoje acaba sendo então de um ativista profissional, em torno dessas agendas, 80% das minhas atividades é do

movimento de luta contra a AIDS, com remuneração e tudo mais. Hoje faço essa articulação do GT Ativismo e Liderança, fortalecendo novos ativistas e também a questão do monitoramento de políticas internacionais.

Fica perceptível pela análise das experiências de Jair e de outros ativistas entrevistados, a *consciência do aprender a viver com HIV*, este processo formativo, *é, portanto, de início, um produto social e o será enquanto existirem homens*. (MARX e ENGELS, 1982, p. 25). Em nossa interpretação, este processo de formação da consciência é fruto do metabolismo psíquico vivenciado pela experiência associativista da RNP+, ou seja, da formação de uma consciência política socialmente compartilhada em decorrência da sorologia positiva para o HIV, uma vez que o engajamento dos ativistas busca fortalecer a luta por melhores condições de saúde e de vida.

As explicações de Alexis Leontiev no livro *O Desenvolvimento do Psiquismo*, em nosso entender, possuem relação direta com este processo de metabolismo psíquico vivenciado pela experiência associativista da RNP+. Ao analisar o aparecimento e o desenvolvimento histórico da consciência, Leontiev (1978, p. 83, 88, 89) diz, assim,

A consciência humana não é uma coisa imutável. Alguns dos seus traços característicos são, em dadas condições históricas concretas, progressivos, com perspectivas de desenvolvimento, outros são sobrevivências condenadas a desaparecer. Portanto, devemos considerar a consciência (o psiquismo) no seu devir e no seu desenvolvimento, na sua dependência essencial do modo de vida, que é determinado pelas relações sociais existentes e pelo lugar que o indivíduo considerado ocupa nestas relações. Assim é um objecto social, o produto de uma prática social, de uma experiência social de trabalho. Por fim, a consciência individual do homem só pode existir nas condições em que existe a consciência social. A consciência é o reflexo da realidade, refractada através do prisma das significações e dos conceitos linguísticos, elaborados socialmente. A consciência do homem é a forma histórica concreta do seu psiquismo.

Desta forma, a produção histórico-social de uma consciência anti-Aids tem relação com a necessidade cotidiana de um intercâmbio, de uma cooperação política entre aqueles que se acham acometidos pelo HIV.

Em busca desta cooperação cotidiana, o ativista pernambucano Jair Brandão argumenta, ainda:

O que me mobiliza mais é que hoje eu tenho consciência, amadurecimento de que para mudar, para fazer uma mudança, uma transformação social, nós enquanto sujeitos políticos, precisamos está presentes, cotidianamente temos que buscar nossos direitos porque os governos não fazem isso. Então, ou eu estou nesse processo para querer mudar, ou, se não quero mudar, se quero ficar como está, então eu tenho que seguir outro caminho.

Tem-se a apresentação da necessidade imediata que desencadeia esse processo de conscientização política. É no fazer-se sujeito que reivindica melhores condições de existência para si e para os outros, que Jair experimenta a formação de uma postura ativa e engajada. De forma complementar, segundo Antunes (1997, p. 117),

Decisivo aqui é referir que a consciência é originada no interior da vida cotidiana. É na cotidianidade que as questões são suscitadas e as respostas dos indivíduos e das classes são uma constante busca de indagações que se originam na vida cotidiana, onde as questões lhes são afloradas. As respostas às questões mais complexas são, entretanto, mediatizadas.

Contra os antagonismos decorrentes dos tempos de HIV/AIDS, claramente é sentida nas falas a emergência histórica de um engajamento político por parte de cada ativista; este fato que pode ser interpretado como de transição da *consciência em si* até a *consciência para si*, conceitos trabalhados, tanto na obra *a Miséria da Filosofia*, quanto na *Ideologia Alemã*, por Marx e Engels, ao analisarem especificamente o ato de produção da consciência nos seres humanos.

Epistemologicamente, a *consciência em si* é apresentada como uma práxis individual, que tem a existência engajada apenas para o ato acrítico/estranhado da produção dos meios necessários ao viver, sem consideração pelos aspectos políticos ou críticos em relação ao contexto social/coletivo em que se vive. A *consciência para si* trata-se do inverso, ou seja, de uma práxis coletiva de associação entre pessoas que se engajam conscientemente pela transformação histórico-social da realidade.

Na visão de Lukács sobre o movimento de formação da consciência (2001, p. 118), os indivíduos

elevam-se até o ponto de adquirirem uma voz cada vez mais articulada, até alcançarem a síntese ontológico-social de sua singularidade, convertida em individualidade, como gênero humano, convertido neles, por sua vez, em algo consciente de si.

Com suporte em tal plataforma teórica, a presente pesquisa, ao analisar a consciência social compartilhada de ativistas engajados politicamente na luta contra o HIV/AIDS, objetiva dialeticamente compreender também o momento histórico em que estes sujeitos rompem com o individualismo da experiência de adoecimento do corpo, ou seja, de *transformar questões privadas em públicas e questões pessoais em coletivas*. (LIMA, 2007).

É possível observar este processo de tomada de consciência, por exemplo, na seguinte fala do ativista Wendel Alencar de Oliveira:

Logo após meu diagnóstico e depois de querer cometer o suicídio, busquei o Grupo Solidariedade é Vida que era a única que tinha aqui em São Luiz/MA, fui participando das reuniões de auto-estima, de auto-ajuda e tudo, e aí fui percebendo o que era de fato o HIV/AIDS, a complexidade que envolvia a prevenção e que a minha consciência preventiva tava totalmente equivocada, aí me incomodei com as informações recebidas e disse “Não! O mundo tem que saber disso!” e aí cheguei um dia lá na reunião de voluntários e disse que iria contribuir com essa luta de vocês, ainda não me encontrava naquela luta, falava de vocês, eu me solidarizava no sentido de que eles eram poucos e os trabalhos eram muitos. Então a minha identidade de pessoa com HIV/AIDS foi um processo. Então eu estar tomando a medicação foi um momento diferente do diagnóstico, eu ir pra reunião da RNP foi outro momento diferente do diagnóstico. Cada momento desses foi um processo mesmo! A cada momento eu tava me dedicando cada vez mais e aí as coisas foram acontecendo dentro do ativismo. O ativismo cada vez mais pegava outros rumos. Em 2003 eu já estava como ponto focal da RNP+ estadual do Maranhão e hoje sou da regional da RNP+ Nordeste.

Em nossas hipóteses, em função de uma causa coletiva que se remete também a necessidades individuais, em prol da saúde pública, essas pessoas, ao tempo em que tomam *consciência do aprender a viver com HIV* e se engajam no associativismo proposto pela RNP+ Nordeste, passam historicamente a assumir uma posição de sujeito político

ultrapassando a si próprias, ou seja, indo além da mera individualidade sorologicamente positiva para o HIV.

Em Gramsci (2004, p. 43), isso decorre do fato de que

O homem, que em certo momento se sente forte, com a consciência da própria responsabilidade e do próprio valor, não quer que nenhum outro lhe imponha sua vontade e pretenda controlar suas ações e seu pensamento. Porque parece um cruel destino aos humanos serem dominados por este instinto, o de quererem devorar-se uns aos outros, em vez de fazerem convergir as forças unidas para a luta.

Em nossa interpretação, o associativismo deflagrado pelo movimento de luta contra o HIV/AIDS diz respeito a este processo histórico de tomada de consciência política e de mobilização social por melhores condições de saúde para vidas em experiências corporais de adoecimento, pois evidencia a compreensão do momento em que grupos sociais oprimidos, ao assumirem uma posição além de si, em função de uma causa coletiva, passam a associar-se. A ação coletiva dos ativistas na luta contra a AIDS, ao abandonar a fatídica posição individual de estar meramente em si enseja a análise da pedagogia política dos movimentos sociais de contestação que resistem ao tempo e permanecem presentes até nossos dias.

Isto porque a sociedade capitalista vivencia um momento de profunda crise estrutural no modo de regulação produtiva, econômica, política e social, refletindo, entre outros aspectos, no aumento assustador, como no caso do Brasil, da vulnerabilidade social. No campo da saúde pública, a situação não é diferente: é notório o aumento de pessoas desamparadas e excluídas do avanço das forças produtivas, sobrevivendo de políticas assistencialistas que favorecem a manutenção histórica, no Nordeste do Brasil, do clientelismo e do coronelismo eleitoral.

O momento pede profundas mudanças tanto no âmbito das ideias quanto na forma de conduzir os valores sociais e, principalmente, na maneira de produzir a vida material dos indivíduos. Articulada a estas reflexões, Antunes diz que (2001, p.216)

As possibilidades de uma efetiva emancipação humana ainda podem encontrar concretude e viabilidade social a partir das revoltas e rebeliões que se originam centralmente no mundo do trabalho; um processo de emancipação simultaneamente do trabalho, no trabalho e pelo trabalho. Essa rebeldia e contestação não excluem nem suprimem outras, igualmente importantes. Mas, vivendo numa sociedade que

produz mercadorias, valores de troca, as revoltas do trabalho acabam tendo estatuto de centralidade. Todo o amplo leque de assalariados que compreendem o setor de serviços, mas os “trabalhadores terceirizados”, os trabalhadores do mercado informal, os “trabalhadores domésticos”, os desempregados, os sub-empregados etc., pode somar-se aos trabalhadores diretamente produtivos e por isso, atuando como classe, constituir no segmento social dotado de maior potencialidade anticapitalista.

Do mesmo modo, a luta ecológica, o movimento feminista e tantos outros novos movimentos sociais têm maior vitalidade quando conseguem articular suas reivindicações singulares e autênticas com a denúncia à lógica destrutiva do capital (no caso do movimento ecologista) e ao caráter fetichizado, estranhado e des-realizador do gênero humano gerado pela lógica societal do capital (no caso do movimento feminista).

Em nosso entendimento é necessário exprimir claramente a noção de que os “emergentes” movimentos sociais a fim de ensejarem aos indivíduos uma sociabilidade coletiva, precisam fabricar ações transpondo as formas atuais da lógica de mercado, questionando sempre a ordem do capital, ou seja, de uma luta que aponte para a superação do *status quo* vigente de emancipação humana e não apenas de meras reformas da vida cotidiana, uma revolução social, uma vez que lutas cotidianas limitadas às reivindicações pontuais não articuladas com outras mobilizações, passam a se configurar como ações paliativas e insuficientes para possibilitar mudanças estruturais, fechando-se em si mesmas.

Desta feita, os aspectos relacionados à educação para a saúde coletiva devem ser revistos, proporcionando transformações, no intuito de formar indivíduos conscientes e capazes de lutar por condições mais justas de existência. É mister ressaltar, no entanto, que a educação para a saúde coletiva, desvinculada de mudanças estruturais em âmbitos político-econômicos e produtivos, não pode produzir resultados de grande alcance social.

Paradoxalmente, todavia, como já expressamos, emerge da experiência de adoecimento a possibilidade de um movimento organizado que se propõe ao confronto com a lógica brutal de concentração de direitos sociais em tempos de AIDS. Nesse sentido, no momento em que setores marginalizados decidem conscientemente se organizar para impor certos limites às injustiças sociais, tem-se um salto qualitativo na conquista de uma subjetividade contestadora, que se consolidará quando de sua participação ativa nas formas de resistência/reação dos movimentos sociais.

Interessante exemplo desta reflexão é a realidade maranhense, de acordo com Wendel Alencar da RNP+NE e coordenador regional, onde o foco central do ativismo

desenvolvido por seu coletivo é o trabalho de enfrentamento da interiorização e pauperização do HIV, ou seja, do trabalho nas regiões além dos perímetros da capital nas cidades do interior e do litoral especialmente na zona rural.

Em suas palavras,

Então, nosso objetivo é o fortalecimento de respostas comunitárias no interior, isso por conta da demanda que chegava de casos de perseguição a pessoas que viviam com HIV, pessoas que são expulsas, pessoas que tem suas casas queimadas, como por exemplo, um caso que me comoveu muito, que foi de uma senhora em Santa Luzia do Paruá, que chegou um dia de madrugada na casa de apoio com a filha dela, as duas com a roupa no corpo, veio de carona com o dono de uma Van. O fato é que ela inocentemente chegou ao povoado logo após ter feito os exames na cidade de Santa Inês e aí disse aos amigos: "Olha a minha doença é essa doença medonha" e aí falou o nome da doença, disse que era AIDS, aí o povo já todo assustado porque ela só falava que era doença medonha e disse que pegava, e aí quando ela falou o nome da doença que era AIDS, o povo todo se juntou e expulsou-a de casa, queimou a casa dela e o marido dela ficou sumido um tempão e só depois é que ele apareceu.

Tipos de episódios como estes fazem parte da realidade nordestina. Em conversa com outros ativistas de outros estados e países, tivemos relatos destas formas de preconceito e estigma em relação ao HIV. Ativistas de Angola, em contato no III Encontro Nacional da RNP+, realizado em Campina Grande, Paraíba, em agosto de 2009, contam que muitas famílias abandonam seus parentes com HIV, pois a infecção seria um mau agouro, seriam espíritos do mal, possuindo e castigando aquele corpo pecador.

Destacamos, ainda, deste contato com os ativistas angolanos a troca de experiências com os ativistas brasileiros, porquanto é pela experiência de consciência e luta da RNP+ Brasil, levada para Angola, entre outros lugares, a insurgência deste mesmo movimento na realidade africana, na verdade, ocorre com base na socialização deste importante aprendizado político de engajamento consciente da RNP+ Brasil, que determinadas respostas comunitárias se desenvolvem no plano político internacionalmente.

O mesmo pode ser observado com ativistas do Equador, que no intercâmbio com a RNP+ Brasil, na troca de práticas políticas, pelo aprendizado coletivo, buscam fortalecer a resposta comunitária de enfrentamento da pandemia de AIDS na América Latina, guardadas as devidas proporções políticas, em seus limites e possibilidades; estas ações seriam uma forma de internacionalismo da luta contra a AIDS e estes são exemplos dos antagonismos regionais de uma experiência de adoecimento com impactos transnacionais à corporeidade humana.

No âmbito deste internacionalismo, merece destaque a REDLA (Rede Latino Americana de Pessoas com HIV e AIDS), que é um intercâmbio político internacional de pessoas vivendo com HIV/AIDS, composta pelos países da América Latina. A RNP+ Brasil tem um acento na REDLA, hoje tendo sido eleito pelo Encontro Nacional para ficar nessa representação como único representante brasileiro, Jair Brandrão, da RNP+ do Estado de Pernambuco. Os princípios da REDLA seguem os mesmos da RNP Brasil, ou seja, a importância do fortalecimento, a busca de melhores políticas, fortalecimento da pessoa vivendo com HIV. Ela, entretanto, não vai muito à base, como a RNP+, pois seu ativismo focaliza-se mais junto às representações nacionais dos países. Então, é muito mais fortalecimento do movimento na América Latina, uma coisa mais macro. Portanto a REDLA trabalha com o fortalecimento das redes e a RNP+ com o fortalecimento das pessoas vivendo com o vírus.

Apreendemos ainda destas falas o termo *organização de base comunitária*, amplamente desenvolvida por Altman (1995, p. 23), onde

É impressionante a extensão da mobilização que a epidemia causou entre as pessoas afetadas, e merece a atenção de todos os interessados em ativismo político e movimentos sociais. A epidemia produziu uma extraordinária quantidade de criatividade, atividade política e cuidado apaixonado, em um nível bem popular, em praticamente todos os países onde há a possibilidade de organização comunitária.

Uma vez organizada *comunitariamente*, a sociedade civil torna-se menos fraca diante dos embates cotidianos de luta e resistência social, não permitindo a individualização e o enfraquecimento no confronto com os grupos antagônicos. Em entrevista sobre a experiência de seu ativismo e liderança, o paraibano Vítor Albuquerque Buriti, 35 anos de idade e dez anos de sorologia positiva para o HIV, diz o seguinte:

Ser ativistas, ser liderança, para resumir é você conscientemente entender a realidade de viver com o HIV. É não cruzar os braços diante dessa realidade. É você ter vontade de mudar e de lutar por um mundo pelo menos mais igual pra todo mundo, a gente sabe que não consegue fazer mudanças grandes, significativas de uma hora pra outra na sociedade capitalista, mas pelo menos melhorar ou diminuir essa desigualdade que tem, acho que é o que como ativista mais desejo. (2008).

No contexto em análise, é fácil notar pelas entrevistas que estas associações estão limitadas aos ditames da produção capitalista. Em razão de tais aspectos, as associações criadas pelas mais diversas categorias da sociedade ajuízam ações em benefício de conquistas que garantam o mínimo de seguridade aos seus associados. Sua atuação, portanto, baseia-se no confronto permanente de segmentos sociais divergentes.

Neste sentido, outro exemplo a destacar é o de Jaqueline Brasil, ativista da RNP+ Natal/RN, ao comentar que

Sou ativista porque tô construindo e ajudando a construir um movimento que as pessoas se conscientizem da sua sorologia, dos cuidados que se tem tanto na prevenção, como na Adesão ao Tratamento, se tô tendo esse cuidado pra mim como travesti, também tô tendo para as outras pessoas, não tô preocupada só em mim. Acredito que se agente começar a plantar uma semente aqui, e todo dia você vai aguando, um dia ela vai germinar. E é isso que me faz está no ativismo, de tá construindo, orientando. Eu trabalho muito com adolescente de favela, aconselho é muito pra eles se conscientizarem. Dou palestra em colégio, indústrias. Eu aprendi dessa forma, construo o movimento pra repassar as pessoas que não têm o mesmo acesso que tenho. Pra que tenham uma qualidade de vida melhor, como eu tenho. É difícil você trabalhar com o desconhecido, principalmente com o HIV/AIDS que é uma doença mutante, que atinge teu organismo, nunca sabe quando ela vai te atingir. (2008).

Vale ainda mencionar que o associativismo é legitimado pelo sistema e que, ao fazê-lo, se deixa aceitar e aceita a estrutura legal do sistema social capitalista; neste sentido, suas possibilidades de mudanças efetivas são pequenas.

Para tanto, ressalta Antunes (1997, p. 81), de forma acertada, que

É imprescindível articular estas ações mais imediatas com um projeto global e alternativo de organização societária, fundamentado numa lógica onde a produção de valores de troca não encontre nenhuma possibilidade de se constituir num elemento estruturante.

Mesmo limitada, no entanto, a atuação de referidas organizações é importante, uma vez que anuncia a relevância de seu papel na organização de grupos excluídos de direito humanos fundamentais ante o domínio do capital.

Carmem Silva (2006, p. 35), ao refletir sobre os limites e possibilidades sociais do movimento de ativistas em luta contra a AIDS, traz a seguinte reflexão:

O Movimento Aids é parte dos movimentos sociais, que, em torno de interesses comuns, irrompem na cena pública reivindicando que o enfrentamento da pandemia de Aids passa por questões relacionadas as desigualdades sociais, ou seja, da necessidade de enfrentar a Aids não como algo restrito à política de saúde, mas de atuação política articulada com as condições materiais de vida e a liberdade de todas as pessoas.

Para a historiografia social do HIV, tais respostas comunitárias são, possivelmente, os “primeiros registros”, as raízes históricas do processo de consciência e luta contra a pandemia de SIDA/AIDS no Brasil, não necessariamente a chamada “origem” da luta contra AIDS no Brasil. Acreditamos que são possíveis outras histórias, muitas “esquecidas” e/ou “silenciadas” pelas nossas limitações de pesquisa, mas não procuramos necessariamente uma descrição das “origens” da AIDS, tampouco de seus “heróis”; preferimos ficar na contracorrente das origens monumentais, míticas e heróicas, erguidas por uma historiografia que prima por uma descrição cronológica e linear de instantes.

3. Considerações finais

Em nossas considerações finais, gostaríamos de frisar que o pretendido foi analisar historicamente a gênese da consciência política dos ativistas da RNP+ e sua luta contra o VIH/HIV. Desde sua insurgência para cá, surgiram vários núcleos da RNP+ em todo o País e diversos encontros ocorreram em âmbito internacional, nacional, estadual e municipal. Espalhada por todo o Brasil, durante esses anos, a Rede pôde fortalecer laços e definir melhor o papel das PVHAs (Pessoa vivendo com HIV/AIDS ou pessoas vivendo com HIV/AIDS) na luta por direitos e deveres, amadurecendo a participação política, assim como estabelecendo parcerias que visam ao fortalecimento da RNP+.

Historicamente, ao tempo em que analisamos a consciência política socialmente compartilhada pelos ativistas da RNP+, é possível apreender que eles enfrentam desafios em

seus contextos sem nem mesmo estar preparados ou haver escolhido, pois *os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente.*¹¹

Finalmente, impomos termo a este texto, que historiciza a formação de uma consciência e luta Anti-Sida, aproximando-nos da alegoria desenvolvida por José Saramago, no livro *Ensaio sobre a Cegueira*, que foi adaptado para as telas do cinema. Engajado com as questões sociais, na obra desse militante comunista, é latente sua consciência acerca do caráter histórico-educativo das epidemias na história humana. Em resumo, o realismo, em forma de fábula, narra como uma experiência de adoecimento é capaz de transvalorar a educação humana ao limite de sua animalidade instintiva. A metáfora de Saramago problematiza as maneiras pelas quais as pessoas em diferentes culturas e grupos sociais, pedagogicamente, explicam e reagem às experiências de adoecimento. Depois do filme e da leitura do livro, ficamos pensando a seguinte questão: não seria a pandemia de HIV/AIDS uma “cegueira” social? Em Saramago, talvez sim, pois na luta pela sobrevivência tudo se mistura em *uma coisa que não tem nome, essa coisa é o que somos*.

¹¹ MARX, Karl. **O 18 de Brumário e Cartas a Kugelmann**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, p. 21.